A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

NUMERO 51 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

Horrivel duelo nas ruas da Guarda, entre dois oficiais do exercito

O tenente Correia de Figueiredo, que gosava de grandes simpatias n'aquela cidade, provocado e ultrajado na sua honra pelo tenente Fernando Tartaro, desafia-o em plena rua, para um duelo de morte, morrendo em seguida e tendo atingido o seu antagonista. Ficaram feridas duas creanças na refrega.

LÊR DENTRO: *A reconstituição da defeza de Alves Reis—por ele proprio*

O DOMINGO ilustrado

ANO I N.º 5

LISBOA 3 DE JANEIRO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS— D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

Aos seus amigos, assinantes, leitores e anunciantes O Domingo ilustrado *deseja um ano feliz e prospero.*

A' Inspeção dos Correios

O Domingo ilustrado, é, devidamente cintado e endereçado, entregue na caixa geral ás 5 horas da tarde de sabado. Temos o cuidado de dividir os pacotes em secções de: Lisboa, Provincia, Ilhas, Africa e Brazil.

Pois, para não falarmos já das inumeras reclamações que recebemos sobre a não entrega do nosso jornal, de ha tempos para cá, os nossos assinantes de Lisboa, queixam-se em grande maioria, que só recebem *O Domingo* na segunda-feira!

Poderá o Ex.mo Sr. Inspector dos Correios dizer-nos a razão porque isto acontece?

Era um favor, pelo qual lhe ficava muito grata

A ADMINISTRAÇÃO

Milhares de contos para uns, e nem um tostão para outros

No passado domingo, armaram-se umas flores e caixas em volta do monumento dos Restauradores, presepio que tinha por fim angariar donativos para os orfãos do cabo Correia, tragicamente desaparecido no avião de Sacadura Cabral.

Não se tome este comentario como sinal de menos respeito pela memoria ilustre dos dois mortos.

Mas não queremos deixar passar o caso sem um reparo que nos parece justissimo:

As falcatruas dos T. M. E., dos Bairros Sociaes, Encomendas Postaes, Dollars, Deposito de Fardamentos, Minas de Angola, e, recentemente a do Angola e Metropole, encheram varias algibeiras escandalosamente e os governos, sem se lembrarem que todos esses «regabofes» tinham todo o direito de serem castigados, deixaram passar tudo em claro porque «altos interesses nacionaes» não permitiam fazer justiça.

Em compensação, os filhos de um heroe ignorado, vitima do dever, soldado ao serviço do paiz, precisam de abrir uma subscrição publica e é o proprio governo que patrocina esse atestado da sua incuria, mandando que oficialmente os filhos da infeliz vitima peçam uma esmola, mais ou menos disfarçada!

Isto é, os governos, ao mesmo tempo que permitem as ladroeiras, desde que estas atinjam cifras superiores a mil contos, patrocinam as subscrições para aqueles que, não tendo na familia altas influencias politicas, são obrigados a pedir ao publico o que os da governação tinham o dever de lhes dar!

GALANTERIA

—Sim, minha amiga! Tenho setenta anos e ainda conservo todos os dentes!
—N'uma caixa?

Má língua

CARTA A 1926

Accabo de saber, debil creança,
que foi muito pontual sua chegada
feita sem contratempo e sem tardança
na hóra préviamente annunciada.

Seu velho Pae não quiz ficar no mundo,
e partiu lógo, sem fazer as mallas
nem «botar» pensamento alto e profundo,
pois sempre foi senhor de poucas fallas.

(De sua Mãe não fallo, por prudencia,
e para não crear o empecilho;
podia perturbar-se-lhe a innocencia
por não saber de que mamã é filho...)

Cá temos pois a Patria, a Gloria, a Raça,
tantas coisas tão cheias de sentido,
suspensas do caminho que lhes traça
a mão papuda de um recem-nascido.

Vamos a ver... Quem sabe se, triumphante,
não accrescenta as folhas do agiológio,
tendo por mitra a róda de um quadrante
por báculo o ponteiro de um relogio!

Quem sabe se por graça de seus dótes
ou da avita nobreza a que se cinja,
deixará de ir nesses funestos «bótes»
em que foi o papá, depois de ginja?

Quem sabe se o veremos, indignado,
á falta de chicóte ou de fueiro,
correr muito farçante desbragado
co'a flanella encharcada de um cueiro?...

Quero crer. Tenho até muita esperança
de ver com estes olhos tal delicia;
ás vezes um sorriso de creança
póde mais que o «xanfalho» de um policia.

Mas até ver... e crer, fico indeciso,
porque a licção dos tempos não é vã;
—se Adão voltasse agóra ao Paraizo
não pernoitava em quartos de maçã...

Quero ver a energia desenvolta
com que saccóde este marasmo eterno,
com que péga de cára o diabo á solta
mandando-o p'rás profundas do inferno.

Quero ouvir as verdades que proclama
nesta era de mentira e de derrota,
que até do pobre e leal Vasco da Gama
fez máis um cavalheiro de má nóta!

E temo que o menino, inexperiente
quanto a certas maneiras de fallar,
trága do céu a ideia inconsciente
de que S. Bento *é Santo de fiar...*

E temo que o menino, repentista,
cuidando espannejar grandes ideaes,
se torne simplesmente um accionista
de dez ou vinte emprezas coloniaes...

Aqui lhe deixo dicto sem rodeios
o que penso, o que espero, o que procuro,
sem calar meus justissimos receios
quanto á «nobre missão» do seu futuro.

Tenha juizinho e força de vontade
para legar um nome honrado ao mundo,
que já quer mal a D. Eternidade
por ella ter um ventre tão fecundo.

E destrúa esta vaga sensação
que a vida vae erguendo aos solavancos,
de que afinal é tudo uma illusão,
e um Anno Novo é um velho figurão
com pó doirado nos cabellos brancos...

TAÇO

PROTESTAR! — eis um dos prazeres de que o portuguezinho não abdica, nem mesmo que aos protestos lhe respondam com espadeiradas nos lombos. Os tradicionalistas afirmam que Portugal é um país essencialmente catolico. Pois eu oponho-lhes a afirmação de que é um país de protestantes.

A voga que entre nós tem o «foot-bal» deve-se principalmente ao facto de se prestarem os desafios a um protesto bem berrado, que é como nós gostamos deles.

Esta citação do «foot-bal» vem a proposito — ora vejam lá os senhores! — da estatua do poeta Chiado, ha dias inaugurada no largo do dito, em plena Ilha dos Galegos, em frente da politica e das velhas elegancias da Havaneza e da literatura palreira da «Brazileira» e do Chiado.

Tacita ou expressamente houve quem protestasse, exercendo o desporto favorito, contra a elevação do bronze do poeta quinhentista na praça publica, alegando especiosas razões de varia ordem, desde a falta de categoria literaria do ex-franciscano até á sua fama de apreciador da boa pinga.

Ora o que me parece é que protestantes e homenageantes estão um pouco fóra da logica.

A Camara possuia, em armazem, um bronze d'arte, mesmo de boa arte, assinado por um escultor de nome feito e consagrado. Entendendo que deveria expo-lo á admiração do publico, do publicosinho que pagou o bronze, fê-lo erigir sobre um pessimo plinto, para que a arquitectura não desviasse as atenções da escultura. Igual criterio levou a edilidade a plantar no Jardim da Estrela os marmores do «Despertar» e do «Cavador».

Os que protestam, por sua vez, não podem negar ao escultor a faculdade liberrima de se inspirar no poeta popular da Lisboa quinhentista para produzir uma obra d'arte e á vereação igualmente não podem negar o direito de restituir ao publico um trabalho que para a cidade foi adquirido.

Quanto ao poeta propriamente dito já suficientes seculos passaram sobre a sua obra para que um juizo definitivo se tenha pronunciado acerca de seus meritos como vate das ruas e fazedor de autos populares. O Chiado, vagueando pelas tabernas por onde errava saudosa a sombra da Maria Parda, encheu mais a sua epoca do que o catedratico Dr. Antonio Ferreira ou o massudo e impertigado Francisco de Sá. Andaria rôto o seu gibão e vazia a sua escarcela, mas a alma do poeta das ruas, essa, transbordaria daquela alegria que o vinho dá aos sem cuidados e sem ventura, alegria doirada que ele espalhava em chistes, prodigamente, como esmola generosa ao povo lisboeta que nesses recuados tempos não tinha razões para ser mais alegre do que hoje.

Se não merece a consagração que se entende que é devida aos maçadores das letras, merece, pelo menos e dignamente, ser lembrado, como generoso dador de graça e riso, por aqueles que não só teem por objectivo entristecer a vida.

Que a posteridade, fundada nestas razões, se não esqueça de erigir, daqui a tres seculos, um busto do Pinheiro Maluco, no largo de S. Mamede, no local onde hoje existe o cotrôle dos electricos da carreira do Rio de Janeiro e que é o deserto escolhido para os seus sermões por aquele orador popular.

ECOS

As novelas

Tem tido um trabalho insano, o Juri das novelas, para ler duzentas e tantas produções literarias que os nossos leitores nos enviaram.

E' curioso verificar atravez essas paginas as psicologias varias, os temperamentos tão distantes e tão flagrantemente diversos de quem escreve.

Ha, desde o ingénuo quasi analfabeto, cujo coração estremeceu com as nossas narrativas sentimentaes, até ao verdadeiro temperamento literario, com a cultura e com a inteligencia completa do assunto.

Ha os destrambelhados, os trapalhões, os improvisadores, os plagiarios, os insuficientes, os artistas e os poetas... Uma das mais curiosas novelas traz este titulo *Apaixonamento de um rapaz...*

Boas-festas

Da ilustre actriz Auzenda de Oliveira, recebemos um cartão de boas-festas.

Tambem a brilhante escritora Mercedes Blasco teve a gentileza de nos enviar um cartão.

Egualmente o eminente actor Alexandre de Azevedo nos enviou as «boas-festas».

Aos ilustres artistas tributa *O Domingo ilustrado* os seus agradecimentos.

Uma conferencia de João de Barros

O admiravel poeta do «D. João» fará no proximo dia 9, á noite, na Sociedade Nacional de Belas Artes uma conferencia que é esperada com o maior entusiasmo. O tema, sugestivo e erudito é o seguinte:

«Cesario Verde, percursor do moderno lirismo». Tanto basta para garantir um grande auditorio nas salas da R. Barata Salgueiro.

A MELHOR PROVA

—Agora é que nós vamos ver se os pneumaticos são tão bons como a fabrica afirma!

HUMORISMO

crónica alegre

UMA HISTORIA DESTE TEMPO

—MAS se lhe puzerem umas escóras?

—Não valem de nada! Cae á mesma!

—E umas cordas? Sim, digo eu; se se passassem umas cordas amarrando o predio e depois se segurassem a um candieiro ou a um poste?

—De nada serviria! O predio deve cahir, o mais tardar esta noite! De sorte que, ou o senhor se muda do predio, ou o predio se muda para cima do senhor!

—Pois eu fico! Onde vou eu agora arranjar uma casa? Nada! Prefiro ficar! Assim como assim, antes quero morrer victima de um desastre, do que endoidecer definitivamente á procura de casa!

—Mas é que a lei é que o não consente aqui dentro! Tem de sahir por força ou é preso!

—Preso?

—Pois então! O edital é bem esplicito: Os inquilinos são obrigados a sahir imediatamente, e caso se neguem a isso, serão presos!

—Bolas!

E com esta exclamação, á falta de outra, Fernandes atirou com a porta e foi passear para o meio da casa sem saber que fazer á vida.

Decididamente aquilo era uma grande espiga! O predio dado por arruinado e ele agora sem casa e sem sitio onde a ir buscar! Uma casa tão catita, tão novinha, com oitocentos mil réis de renda! E é que o caso era serio e Fernandes por mais que congeminasse, não encontrava maneira de resolver aquele sarilho que agora o punha no olho da rua com mobilia e tudo.

Ele que gastára dezenove duzias de pares de sapatos para achar aquele cubiculo pelo qual déra cento e dezeseis contos de trespasse, fóra mais dez pela chave, mais trez pela fechadura, mais oito pelos o/eados em mau estado, mais vinte e cinco pela instação electrica e mais trezentos mil reis pelo contador da agua!

Era na verdade uma patifaria sem nome! E agora ahi estava o Fernandes sem casa, lá porque o senhorio tinha deliberado fazer o predio com gelatina calcinada e entendera que isto de gastar pedras em construcções, era uma lenda que se tinha perdido na bruma dos tempos idos!

Mas a realidade ali estava, cruel, implacavel, bem marcada, n'aquele S retorcido que as paredes mestras tinham feito após os ultimos dias de chuva.

De maneira que Fernandes, teve de estender as mãos á triste realidade e, foi comprar o jornal para ver onde poderia arranjar uma casa em bom estado de conservação.

Ao fim de vinte e quatro horas, Fernandes meteu os moveis numa garage, e foi dormir para o Albergue Nocturno.

No dia seguinte, nova peregrinação por todos os bairros de Lisboa, mas só as casas que estavam a cahir, é que estavam vazias.

Fernandes entendeu e bem, que talvez nos arredores podesse encontrar lousa onde albergasse os ossos, e foi-se até ao Campo Grande.

Muitas casas para alugar. Fernandes sorriu satisfeito e foi ver a primeira.

—Quantas divisões?

—Cento e vinte e oito.

—E a renda?

—Trezentas libras.

—Libra!

E foi-se a ver outro predio.

—Quantas divisões tem o decimo andar? — perguntou ao guarda-portão.

—Não sei dizer! Como o andar fica lá muito em cima, o meu filho anda a tirar o «brevet» de aviador para proceder a essa investigação.

—E qual é a renda?

—Varia! E' conforme o que o senhorio precisa! Se calha em mez de ir para as praias é um preço, mas se fôr em epoca de São Carlos já é outro!

—E o predio é seguro?

—Seguro, o que se chama seguro, parece-me que não, porque a parede do terceiro andar faz uma barriga que até parece que sofre de hidropesia!

—E consente-se, n'um paiz d'estes que se façam predios assim para morar!

—Para morar? Mas estes predios modernos não são para morar, são para alugar, é diferente!

—E o rez do chão? Está em bom estado?

—Eu lhe digo: Quando terminou o predio, o rez do chão estava na altura do segundo andar, agora está onde o senhor o vê, calculo que d'aqui a oito dias deva estar trez metros abaixo da cave!

—Mas estas construcções são um crime!

—Um crime?! Ora essa!? Ora suponha que um inquilino aluga um quinto andar! Um dia, ao sahir, conta uma infinidade de degraus primeiro que chegue á rua; quando volta para casa, já o predio tem descido e o quinto andar está na altura da loja! Quem lucra?! O inquilino, que já não precisa de elevador!

Fernandes lembrou-se que talvez para Campolide fosse mais feliz e para lá dirigiu os passos.

Ao cabo de quinze dias de investigações, descobriu uma agua furtada com escritos.

Subiu e bateu, acalentando uma derradeira esperança de encontrar poiso.

—Diz-me, faz favor, quantas divisões tem a casa?

—Uma, mas com boa vontade e quatro biombos, podem-se arranjar umas seis!

—E a renda!?

—Oito contos e a condição de saber nadar!

—Saber nadar? Para quê?

—Para os dias de chuva! Aqui dentro chove mais do que na rua!

—Mas o senhorio não faz obras?

—Faz, mas com a condição de o inquilino lhe arranjar um logar de director na Moagem!

Fernandes desistiu. Maldizendo a sorte, os senhorios e a vida, andou mais dois mezes em procura de casa até que desalentado, morto de cansaço, febril, encontrou-se de novo deante da sua antiga habitação, que agora toda torcida parecia, um saca-rolhas.

Duas lagrimas cahiram-lhe sobre as faces gastas de tanta desventura e uma raiva enorme lhe tomou todos os neurones. De subito teve uma ideia luminosa, aurifulgente, enorme, uma ideia d'aquelas que são o apanagio de todos os que se propõem resolver a questão politica em Portugal.

Subiu a escada do seu antigo predio, escada que dantes fôra facil e suave e que agora, devido ás reviravoltas do terreno e á anemia dos alicerces, era uma escada de caracol, e entrou em casa. As divisões pareciam um harmonium; o tecto e a sobrado confundidos, só podiam ser nomeados consoante a posição em que se estava, sobre ou sob qualquer d'eles, as janelas pareciam seteiras e, para passar pelas portas, era necessario o capelo de contorcionismo superior.

Fernandes instalou-se lá dentro e dispunha-se a dormir o mais socegadamente possivel, quando sentiu que alguem o chamava do telhado.

Olhou e viu um bombeiro que, amarrado por uma corda a uma escada «Magirus», lhe ordenou:

—Saia imediatamente que o predio está condenado!

—E' o saes!

—Saia! Não leu a edital da Camara?

—Li!

—Então porque espera?

—Espero que a Camara me arranje outra casa!

—Mas o senhor morre ahi dentro!

—A andar á procura de casa já estive muito perto da morte!

—Saia ou é preso!

—Então serei preso!

—Pois já o está!

E d'ahi a pouco Fernandes seguiu para o Governo Civil acompanhado de um policia.

Tres dias depois, quando deu entrada na enxovia 6 de ala B do Limoeiro, Fernandes esfregava as mãos de contente.

Tinha arranjado de graça uma casa que, devido a não fazer falta nenhuma, não tem grandes probabilidades de caír...

HENRIQUE ROLDÃO

O MOBIL DO CRIME

Outra vez á pancada com teu primo! Tenho que ir comprar outros calções!
—Pois se visses o primo! Naturalmente a mãe d'ele tem que comprar outro filho!

NO PROXIMO NUMERO

Cronica Alegre

De ANDRÉ BRUN

BELO REMEDIO

—Estou com soluços! E's capaz de me pregar um susto?
—Empresta-me cem mil reis!
—Já passou! Obrigado!

ECOS DE SPORT

Os Luzos

E' hoje que estes pedestrianistas, realisam no Centro Escolar Republicano Dr. Magalhães Lima, ás 20 e meia horas, a sua festa artistica.

Do programa entre varias outras atrações figuram exibições com as conhecidas figuras desportivas:

Manoel Gonçalves—campeão profissional, Guilherme Gonçalves e Francisco Silva, campeões amadores de luta greco-romana.

Faustino Pereira arbitrará um combate de box, e fará uma demonstração com um seu discipulo. Haverá tambem exercicios de: Pesos e alteres: Virgilio Fernandes; acrobacia aerea: Les Massis; acrobatas saltadores: Os Liras, argolistas: Os Ansonias.

Arbitros

Muito se tem dito e muito se tem escrito a respeito de arbitros. Entendemos, que um arbitro quando exerce o seu cargo, não ha o direito de o insultar, muito embora, para o publico, não esteja arbitrando a contento. Parecia que esta velha questão do «fóra o arbitro» estava um pouco adormecida, mas os ultimos jogos, vieram lamentavelmente trazel-a á supuração, no jogo Belenenses-Vitória, em que só o prestigio do «velho» Rio impedio que Ilidio Nogueira fosse desrespeitado e talvez mesmo mais alguma, coisa e no jogo Bemfica-Suecos em que Jorge Vieira foi vaiado, o que não havia o direito de fazer, muito embora não estivesse arbitrando a contento do publico. Que bem que fazem ao nosso publico as visitas de jogadores da correção do Helsingborg!!...

Não seria tempo, do nosso publico compreender que um arbitro só por desporto, desempenha o seu cargo?

Remo

Da Federeção Portugueza de Remo, recebemos a seguinte nota oficiosa:

Sua Ex.ª o Sr. Ministro do Comercio, com cujo auxilio já contávamos, concedeu a verba de trezentos contos á Junta Autonoma do Porto e Barra da Figueira da Foz para realisar as dragagens, que vão encetar-se brevemente, satisfazendo assim, conjunctamente, uma justissima aspiração daquela cidade, e dando ao estuario do Mondego as condições convenientes para a realisação das provas.

Apreciou-se com satisfação o interesse que a realisação dos Campeonatos da Europa em Portugal tem despertado aos desportistas portuguezes, com a exteriorisação das opiniões na imprensa desportiva, embora de critica aos actos desta Comissão Dirigente. Mas para que a opinião publica não fique desorientada, iremos, periodicamente, informando a Imprensa em notas oficiosas; e assim:

Não ha incoerencia entre a resolução tomada anteriormente.

Encetámos, com bom exito, as negociações para obtenção de alo amentos para concorrentes e respectivo material, em condições dignas e economicas.

E' habito, (só modificado em ocasiões e circunstancias excepcionalissimas) nunca correrem mais de quatro embarcações a par. Quando ha mais concorrentes fazem-se eliminatorias. E' esse o sistema por nós e pela F. I. S. A. adoptado.

O Ex.mo Sr. Dr. Alvaro Lino Franco não é o Presidente da actual Comissão Dirigente, mas sim Presidente da Assembleia Geral.

Faciosismo

No jogo Bemfica-Sparta os «Leões» aplaudiam as avançadas dos tchecos...

Em compensação no Sporting-Sparta os «vermelhos» aplaudiam tambem os tchecos.

Não é desportivo, nem se compreende como o faciosismo possa levar adeptos dos nossos 2 maiores clubs a procederem desta maneira.

Quem nos ajuda a remar contra a maré e a dizer ao publico que quando um dos nossos clubs joga contra estrangeiros, não é o Sporting nem o Bemfica que jogam, mas sim portugueses contra estrangeiros?

Os Sports na Provincia

PORTIMÃO, 29.—Realisaram-se nesta cidade nos dias 27 e 28, dois desafios de foot-ball entre as 1.as categorias do Ginasio e Portimonense, tendo este empatado o 1.º desafio e ganho o 2.º por 2-0. Dos jogadores vencedores devemos destacar o trabalho de Buizel, que foi o autor dos 2 goals e se não estivesse tão infeliz nos remates o seu club teria ganho os 2 desafios por maior numero de bolas. Dos jogadores vencidos destacaremos tambem Gomes, defesa esquerdo, que com a sua ação eficaz impediu o Portimonense de elevar o «score».

Alinha vencedora, tinha a constituição seguinte:

Santos, J. Alvo, A. Hilario (cap.), Parrinha, J. Amador, F. Henrique, Renneiro, Buizel, Manoel J. Alves, J. Sequeira, J. Fernandes.—C.

AVEIRO, 27.—De volta do Porto, jogou aqui com geral agrado o Carcavelinhos de Lisboa, batendo o grupo «Os Galitos» por 6-2, resultado que na nossa opinião não corresponde absolutamente, porquanto um 4-2 estaria mais ajustado ás possibilidades dos dois grupos. No entanto não queremos dizer com isto que o Carcavelinhos não tivesse bem merecido a victoria. Salientaram-se os vencedores Rodrigues, Canuto e Guimarães e nos vencidos, Vieira, que novamente se magoou bastante tendo que abandonar o campo. Marques e Picado. Uns ilustres cavalheiros continuam manifestando a sua alegria, quando o «Galitos» perde...

COIMBRA, 30.—Realisam se no domingo passado pela 1.a vez, corridas de bicicletes para menores de 12 a 15 anos num percurso de 15 kilometros.

Venceu José Pereira Trancho, do União, chegando o 2.º corredor um minuto depois.

O Moderno venceu o Nacional em foot-ball por 5 a 1.—C.

O CONCURSO DO CAMPEÃO

O nosso jornal continua hoje o concurso! Trata-se de ver quem acerta com o nome do Campeão de Lisboa em foot-ball, na Divisão de Honra, em 1925-26.

AS CONDIÇÕES SÃO:

Recortar o coupon abaixo e envia-lo, devidamente preenchido, a esta redacção—Secção Desportiva.

No caso do resultado ser um empate, servirá o numero de pontos dos outros classificados—para o desempate. No caso do empate subsistir, um sorteio, designará o vencedor.

Um valiosissimo premio será sorteado entre os leitores que acertarem.

O CAMPEÃO SERÁ

Belenenses	pontos
Sporting	»
Bemfica	»
Victoria	»
Carcavelinhos	»
União	»
Casa-Pia	»
Imperio	»

Nome

Morada

O nosso concurso de perguntas

De entre as muitas resposta que recebemos ás tres perguntas feitas no numero 49, as melhores são as seguintes:

Pergunta:

PORQUE SE PÕE FRANJA NOS GUARDANAPOS?

Resposta:

PARA EVITAR QUE OS HOSPEDES NÃO OS CONFUNDAM COM O LENÇO E OS METAM NO BOLSO.

REIROLI

PORQUE SE PÕE CORDEL NOS CHOURIÇOS DE SANGUE?

PELA MESMA RAZÃO PORQUE SE COSE UM OPERADO: PARA NÃO HAVER PERDA DE SANGUE.

SETE CABEÇAS

PORQUE NASCEM CABELOS NAS FOSSAS NASAES?

PARA JUSTIFICAR A FRASE: TER CABELINHO NA VENTA.

EGO JUNIOR

Eis as duas perguntas deste numero:

PORQUE É QUE EM GERAL, AS ROLHAS SÃO DE CORTIÇA?

PORQUE É QUE OS COPOS NÃO TEEM AZA?

O que se lê

«HISTORIAS COR DE ROSA»—(2.a ed.)—Ramalho Ortigão, Lisboa, 1925.

As «Historias Côr de Rosa» foram reeditadas em feliz hora. Mais do que nunca, é conveniente provar aos malabaristas da palavra, aos prestidigitadores afrancezados, como se podem bem combinar, dentro duma prosa leve, bulhenta (sem ser «clouwnesca...»), luminosa e irónica—duma prosa que será sempre «moderna»,—o melhor respeito filológico e a mais rica e despreocupada plasticidade verbal.

Talvez porque foi, por temperamento, um escritor calmo e desapaixonado, alheio aos rompantes de longas digressões sentimentais, e porque não se apresenta como constructor de grossas obras de tômo, Ramalho é, dentre os grandes da sua geração, um dos que teem mais flagrantes pontos de contacto com uma das muitas desconcertantes características do actual momento literário: a do gôsto pelo apontamento rápido, telegrafico; a da simpatia pela frase despida, pela frase que nos aparece morta sôbre o papel, sem flores de retórica, nua e pura como nasceu, oferecendo todas as facilidades á percepção do leitor, que é sempre uma pessoa com pressa.

Em meu entender, a Empreza Literária Fluminense revelou, portanto, um inteligente critério de escolher, reimprimindo as «Histórias» de Ramalho, histórias de hoje em tudo, menos no título, ende ficou o estigma da época: hoje infelizmente, há só histórias vermelhas, negras... Ou então brancas, absolutamente em branco, quanto a espirito...

«O SEGREDO DA MORTE»—por Madeleine Frondoul Lacombe, (Lisboa, 1925).

Neste livro, que a snr.a D. Ana de Castro Osorio prefaciou brilhantemente, encontram-se desentos, com a maior simplicidade e com bem evidente seriedade, inumeros casos que interessam a quem se preocupe com apurar se é legitima ou não a crença na sobrevivência da alma e na possibilidade de comúnicar com os mortos.

Carecendo da cultura especial que permite discretear sôbre o assunto, limito-me a agradecer a oferta do «Segredo da Morte», segrêdo que devassei com intensa curiosidade e que só recomendo ás pessoas cujos nervos não se ressentiram com a leitura de algumas páginas macabras de Edgar Pôe e de Villiers de L'Isle Adam. M.me Lacombe, limitando-se a descrever casos verídicos, deixa, por mais duma vez, a perder de vista, no que respeita a ansiedade trágica e empolgante, tudo o que fantasiou a imaginação riquissima dos citados contistas.

Tereza LEITÃO DE BARROS

á sucapa...

Carlos de Oliveira

O brilhantissimo artista, de antigos e explendidos processos scenicos que é Carlos de Oliveira, será ensaiador do acto culminante da peça «Leonor Telles», que, com a colaboração dos notaveis artistas Berta de Bivar e Alves da Cunha, de Antonio Sacramento — outro grande elemento de teatro — de Antonio de Melo, um galã e um generico que hade ser alguem no nosso meio, levamos á scena na «Noite de Augusto Rosa». Este jornal não esquecerá a sua grande dedicação, tanto mais de agradecer quanto é certo que Carlos de Oliveira tem o seu nome ha muito feito.

Alem destes artistas, outros optimos artistas da companhia Berta Bivar-Alves da Cunha, José Cardoso, Carlos de Sousa, Artur Braga e A. Torres, completam o esplendido conjuncto, dando-nos a sua gentil bôa-vontade e o seu talento.

Mil e duzentos contos para nada!

Afinal, pouco a pouco, vai-se provando que o que temos afirmado nestas colunas, a serio ou em ar de troça, é bem verdade! A faladissima crise teatral, não é mais que uma lamentavel falta de criterio por parte dos que são incumbidos de mandar.

O Teatro da Trindade acabou por fechar as suas portas, depois de se perder uma quantia aproximada de quinhentos contos... para montar duas peças más!

Isto é, parece que com quinhentos contos se poderia pelo menos fazer qualquer coisa; pois não se conseguiu fazer nada!

Certa empreza de Lisboa, deliberou liquidar os negocios e diz-se, com visos de verdade, que com o melhor de mil e duzentos contos perdidos!

Em quê? Pregunta a nossa má lingua. E a resposta é só uma, uma unica: Em nada! Porque não apareceu uma montagem, uma companhia, um repertorio, nada!

Se se fizer uma média, vêr-se-ha até que a mesma empreza teve muito mais dias os seus teatros fechados que em exploração!

E com estas verdades, que ninguem pode negar e que ainda não se sabe quais as consequencias que poderão vir a ter, venham dizer que ha crise teatral e que isto que aqui fica escrito é simplesmente veneno e má vontade!

NO TEATRO DE S. LUIZ

Noite de Augusto Rosa

O entusiasmo do publico é enorme por este formidavel espectaculo

Continuam os trabalhos preparatorios para a grande festa de arte — cujos atrativos são excepcionais — que em homenagem á memoria de Augusto Rosa promovemos no Teatro de S. Luís, dando ao publico de Lisboa uma noite como jámais teve e decerto não volta a ter.

Como se disse é Afonso Lopes Vieira, o glorioso poeta, que evocará o perfil do eminente actor. Gustavo de Matos Sequeira, erudito critico, falará em nome da imprensa diaria. JulioDantas, eminente dramaturgo, falará pelos autores representados por Augusto Rosa, e, finalmente, Lucinda Simões, a grande Lucinda, falará em nome dos artistas dramaticos. A peça «Punindo», em primeira e unica recita, será representada por primeiros artistas, entre eles: Barbara Wolkart, Lucilia Simões, Amelia Rey Colaço, Ester Leão, Leonor Faria, Maria Pia de Almeida, Robles, Azevedo, Ribeiro Lopes, Teodoro Santos, Francisco Sampaio, etc.

O notavel academico Matos Sequeira que falará pelos criticos teatraes portuguezes, na NOITE DE AUGUSTO ROSA

Será uma representação que nunca mais se repetirá!

Alves da Cunha e a sua admiravel companhia, fazendo o grande actor o papel de D. Diniz, representarão o acto culminante da peça «Leonor Teles», e como se isto não bastasse, a grande artista Adelina Abranches vai «reprise» o celeberrimo «Monólogo» do Vaqueiro, ensaiado como o foi por Augusto Rosa nos espectaculos vicentinos. Será possivel arranjar-se uma noite mais completa?

* * *

Os bilhetes para este espectaculo marcam-se desde já no Teatro S. Luiz, sendo conveniente o publico não se guardar para o fim, pois a lotação do teatro, comquanto grande, deve esgotar-se dias antes do espectaculo, sujeitando-se depois, a explorações, sem necessidade, retardatarios.

Os preços são os de qualquer espectaculo extraordinario do teatro.

á sucapa...

O desmaio do Teatro Nacional

Agora que o Teatro Nacional, no dizer da plebe, «se foi á viola», nós que sempre atacámos a sua organização, nós que sempre tivemos aqui palavras de troça para a maneira como se obrigavam artistas como Ester Leão, Albertina de Oliveira, Maria Pia, Clemente, Ribeiro Lopes, Joaquim de Oliveira, etc., a fazerem uma tristissima figura; nós que não acreditamos que aquilo se ageite sem uma reforma feita por pessoas que não precisem de favores, sempre queremos dizer que não podemos deixar de lastimar o facto, porque aos artistas do Nacional nos prendem relações de amizade, mas que o caso foi a consequencia logica de uma organização, consequencia que sempre aparecerá emquanto não houver um pouco de pundonor artistico...

A hora da justiça

No «Gremio dos Artistas Teatrais», realizam-se hoje as eleições para as futuras Administração e Direção.

Os poucos que acompanharam a recente reforma dos estatutos (uns trinta ao todo, que não fizeram caso que os ilustres colegas não se ralassem com isso para nada) ligam ao dia de hoje uma importancia capital e estão dispóstos a eleger pessoas capazes de cumprir o novo programa que é imposto principalmente pela falta de brio da classe.

Quem irá governar?

Seja quem fôr, pode ficar certo que ha quem não deixe pôr o pé em ramo verde e que já existe um agrupamento de vinte e um socios que saberão requerer um ajuste de contas logo á primeira falta de justiça.

S. Carlos — Companhia Lucilia-Erico «Principe João», enorme exito com Lucilia, Amelia Pereira e Almada.

S. Luiz — A opereta de grande sucesso «Os Gaviões».

Gymnasio — «Vida e Doçura» com Palmira e Gil Ferreira. Grande exito.

Avenida — Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos Henrique Roldão.

Politeama — Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro «Segaro de vida».

Eden — «Fungágá», grandiosa revista. Direcção de Sant'Ana, Laura Costa e Gomes.

Nacional — A «Severa» com optimo desempenho. Reprise sensacional.

Apolo — «A Taberna» de Zola, colossal trabalho de Alves da Cunha com Adelina e Berta.

UMA NOVELA POLICIAL COMPLETA

O horror de não ter dinheiro!

Reconstituição sensacional do celebre dialogo entre Alves dos Reis e o seu inquiridor, e no qual pela primeira vez o gerente do Angola Metropole encara a sua situação e a defende

A mascara impenetravel de Alves dos Reis...

O caso Angola e Metropole, cujas ramificações e cujas consequencias é ainda cedo para avaliar em toda a sua extensão, vai já perdendo aquele ar de misterioso sigilo em que andou envolvido.

As portas, as paredes, os moveis do Governo Civil teem ouvidos. Tudo se sabe, tudo consta. Alguem que ás investigações, por dever de oficio, tem assistido, sugere-nos esta pagina de emocionante verdade, onde a pungentissima dramatisação nos não pertence. Nela se foca e se desenha o caracter de Alves dos Reis, cerebro extraordinario de audacia e de engenhosas concepções.

Documento psicologico de alto valor, esta pagina revela ainda os novos aspectos da moral de hoje, a forma porque se encaram os negocios, a honra e a verdade. Aquilo que para uns é uma burla para outros é apenas uma «operação livre»; Aquilo que para nós são «notas falsas» para outros são «circulação não autorisada». E assim, parece que os mais solidos pilares da sociedade aluem, por si, como torrões diluidos neste lamaçal que se não sabe até onde chega...

DEZ horas. No ar sordido dos corredores do Governo Civil anda o fumo dos cigarros e o cheiro humido da lama das botas que não ficou nos capachos, e pega as tabuas imundas do soalho. A porta envidraçada do gabinete dos reporters está meia aberta e, sobre a mesa, curvados á lampada electrica, o Belo Redondo, o Aprigio Mafra, o Nunes, o Sande, correm velozes sobre os linguados os informes da rua.

—O que é?

E' o Alves dos Reis... E os passos abafados no corredor escuro aproximam-se. São tres homens. Numa revoada os reporters chegam á porta. O preso vem lento e firme. O fato alvadio do costume, o cachecol de seda, a barba feita precipitadamente com um lanho na face e o sabão mal tirado. Traz os olhos no chão, curvado, e uma ruga funda na testa, como quem cerrasse a vista a tudo que não fosse o seu intimo pensamento.

O interrogatorio, feito á sucapa, é na sala da esquina. No Largo de S. Carlos, em baixo, os automoveis para o concerto, projectam os faroes nervosos sobre as empenas dos predios. Vae uma «feerie» de luxo á entrada para o teatro. Alves dos Reis, involuntariamente lança por entre as vidraças um olhar sucumbido. São mulheres triunfais envoltas em peliças caras, casacos, fardas. Uma lagrima toldou-lhe o olhar.

—Corra esse store!

E' a voz pesada do chefe Xavier, que arrastara sobre o tapete as botas enlameadas e estava agora á secretaria, a fazer um cigarro de francês.

Fecharam-se as portas. Na penumbra do aposento, apagado o lustre e acesa a lampada da mesa, os dois homens ficaram frios e silenciosos.

—Você vai-me dizer toda essa historia sem mais vigarios—para me não chatear, disse o policia, plebeu e baixo.

—E' agora o sr. que me interroga?

—Não estou á sua altura se calhar!...

—Quer que lhe repita o que disse ainda ha duas horas?

—Quero que diga tudo para ahi.

—Mas tudo o quê?

—Ai! Tudo o que é preciso! Quem mandou fazer as notas? Foi você?

—Estou farto de repetir. Essa operação foi feita de acordo e com ampla sugestão do Banco de Portugal... Mas francamente, o sr. percebe alguma coisa de finanças?

—Percebo de gatunos!

—Tanto melhor para si. O que lhe garanto é que não respondo a mais coisa alguma. Isto parece troça. Cada dia vem sua pessoa. Espero pelos tribunais e quem quizer que vá lá ouvir.

—Isso havemos de ver...

—O quê, á força?... Tambem era o que faltava! Fez-se um silencio. O policia levantou-se da cadeira, deu uma volta, e sentou-se na aba da mesa:

—Venha cá. Você é parvo! Tudo se hade pôr a descoberto. E' uma questão de dias. Que ganha você com isso? Acabo de prender a sua mulher. Com a sua atitude você apenas consegue «chatear» os outros. Só no momento em que se formar a sua culpabilidade exclusiva, ela voltará de novo a casa. Conhece o calaboiço n.º 4? Olhe que é fresco para uma senhora... e tudo para você presumir... por uns dias, Vale bem a pena! E ela tão estupida que não diz uma palavra que o comprometa a si. Não se lhe arranca nada! Ainda julguei, que quando visse aquela imundice, lhe repugnasse, e falasse para ali. Isso sim! Que o seu marido era victima de infamias e que lhe haviam ainda de pedir desculpas! Você paga-lhe bem, não haja duvida!

Alves dos Reis tinha-o ouvido em silencio, os olhos cravados na carpete, a mão crispada sobre a mesa. Rugiu por entre dentes: Pulhas! Pulhas! Depois ergueu-se e disse alto:

—O senhor vai soltar já minha mulher. E' uma infamia! O que querem que eu diga? A que me querem obrigar? É preciso que agora seja só eu a expiar? Pois serei! Que me importa! Sim! E' plano meu! Só meu! Um plano que o senhor não pode compreender! Quere ouvir? Pois ouça! Tenho dezenas, centenas de cartas! Hei-de lê las no tribunal. Não preciso de advogado! Nelas se fáz a apologia da minha obra. Que fiz eu? O que é uma nota? E' um papel que tem credito publico. Pois eu servi-me do credito dum banco velho para impulsionar toda uma vida nova!

Tenho emprezas africanas que o credito das «minhas notas» salvou das mãos estrangeiras! Tenho milhares de operarios que vivem nas fabricas que as «minhas notas» ergueram e que teriam emigrado para França—se não fossem elas. Que diferença ha entre uma emissão de ações duma companhia que pode falir, e a «circulação livre» que eu lancei no mercado português?

Eu puz as «minhas notas» em obras que as hão de pagar com os maiores juros. Uma vez reintegrado esse capital, que mal advem ao tesouro, da sua circulação temporaria?

Os meus negocios? Mas eu provo que tendo centenas de milhares de contos, não gastei comigo quinhentos. Passassem dez anos e essa «circulação livre» seria abençoada. Seria eu que a denunciaria.

Pombal teve que ser ditador para impor ao Municipio de Lisboa um emprestimo de 100 vezes as suas possibilidades tributarias.

Administrar, não é não gastar—é gastar bem!

Eu tive sempre o horror de não ter dinheiro! O senhor sabe lá o que é isso! Trazer mezes, anos, um plano completo no cerebro, e não encontrar o dinheiro para o por em pratica! Antever as mais grandiosas concepções, gizar os mais arrojados planos, e esbarrar, axfixiado, na horrivel pobreza de Portugal.

Houve um momento na minha vida em que peguei numa pistola para estoirar os miolos! Antes morrer dum tiro do que morrer de fome! Depois disse: Não! Que se morra ao menos deixando uma obra. Eu pregunto se daqui a dez anos Angola fosse aquilo que eu sonho e que eu faria—quem teria a coragem de dizer que o meu golpe não fôra apenas audacia?

O que é a moral? A satisfação do dever cumprido? Pois eu lhe digo que no dia em que Angola estivesse como eu planeei, me consideraria um dos maiores, senão o maior português do meu tempo!

Os dois homens olharam-se..

A Historia falaria de mim, como de Gago Coutinho e Sacadura Cabral!

. . . .

Foi então você quem mandou fazer as notas falsas... Está bem! E, olhe, já agora, pode dormir socegado, a sua mulher está em casa—nem de lá saiu...

—Pulhas! Rugiu de novo por entre dentes. Metem-me nojo! Vocês realmente não me mereciam!

O Reporter Misterio

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

CARTAS DA PROVINCIA

Uma assassina

Ao amanhecer—O chapeiinho preto — No rapido do Porto

QUANDO sahi de casa não era manhã clara. Cahira pela noite um orvalho grosso que se empoçava melancolicamente na estrada; as pedras da azinhaga, muito lavadinhas, aproveitavam a claridade nevoenta para rebrilharem negrumes de basalto.

De onde em onde, um operario mais madrugador, de mãos nos bolsos; mulheres bisonhas, carreando mantimentos. O rôlo de mantas derreava-me a mão enregelada.

Não tardou muito o electrico. Ainda trazia luzes acêsas, a amortiçarem-se na manhã que progredia. Pouca gente. Duas varinas ruidosas innundavam um banco lateral. Um estudante assestava as lunetas gordas a uma sebenta triste. Muito frescassa, uma ingleza quarentona ostentava seus trajos de «five-ó-clock».

Eram sete e meia pelas Horas Certas; a viagem corria sem incidentes.

Em Sete Rios apagáram-se as luzes; devia ter nascido o Sol. O pezado carrão ia mugindo nas curvas, e devorava as rectas com um bamboleio brando.

Ahi por S. Sebastião entráram duas mulheres. Viu-se lógo que eram Mãe e Filha, e que não se davam bem.

A Mãe devia ter cincoenta; franzina, encadernada numa farpéla de sarja que fôra negra, trazia na alta cintura um emplastro de velludo roxo, escadeado em prégas muito desgeitosas. Do peitilho triangular, subia-lhe até ao queixo uma gollinha de renda, amparada a custo por barbas de celuloide. Na sua boca franzida e molle nasciam riscos que sulcavam ao accaso uma pele macillenta; olhos inquietos e escuros. Mas a sua grande caracteristica era o chapeu; uma vetusta forma de pudim, reformada apoz longos anos de cremação, merecêra-lhe a honra de um forro de velludo prêto; e enthronizára aquillo á banda tão á banda que só a sobrancelha direita o sustentava ao alto da fachada, como uma cariátide contrafeita. Na larga encosta occipital que galgava a prumo até á base do chapeu, desde um pescoço côr de cheiro a bafio, rêpas de cabelo seco desertavam da escalada ao carrapito, e colgavam bambas, sobre a gollinha de renda.

Assim foram até Campolide...

A Filha, sobre o feltro de terceira ordem abancado na juba negra, arrastava a tristeza e as bexigas de uma juventude que não soubéra florir. Sáia e casaco tambem pretos, vestindo um corpo desacertado; meias da melhor seda a escorrerem para uns sapatos velhos, por engraixar. Levava uma malla de mão encamisada de linho. Ambas respiravam pouco asseio e bastantes inscripções.

Assim que entráram, a rapariga sacudiu a velha:—«vá-se sentar, ande, vá». E a velha trotou meudamente para o primeiro banco, emquanto a filha se deixava ficar na plataforma. Gôsto de ir de pé. Brigáram depois por causa dos bilhetes; «não tenho troco» «paga tu» paga tu»...

Nessa altura comprei o jornal e elas morreram para mim.

* * *

Pouca gente tambem no rapido, por este frio mez. Instalei-me no meu canto, com uma montanha de folhas que não pensava enfronhar-me, mas que, cuidava, me ficariam bem ao parecer. Sentia-se em torno uma azáfama surda e pachorrenta.

Dahi a nada, farejando o logar marcado, entrou a rapariga que viajára commigo, pediu a um que lhe subisse a malla para a rêde, a outro que lhe abrisse a janella; não agradeceu nada, e debruçou-se a falar com a Mãe.

Quando o comboio arrancou ella veio sentar-se ao meu lado; olhou-me; olhei-a; não succedeu mais nada... Assim fomos até Campolide. Eu sentia na minha visinha aquela comichão conversativa que atáca, sobretudo em viagem, aquelles que Deus talhou para o silencio. Poucco antes de Braço de Prata viu-me olhar um laranjal que amarellejou á beira da linha e murmurou, num tom conceituoso, que não faltavam «tingerinas» Ficámos intimos.

Disse-me que ia para Gaia, ver umas terras que lá tinha; e que comprára bilhete de ida e volta.

Por deslumbral-a com minhas argucias de Sherlock, «descobri» onde ella entrára no eletrico, e afirmei, cathegorico, que aquella senhora de edade era sua mãe. Alastrou-se-lhe num ondular de bexigas o sorriso abysmado e tôlo. «Tinham entrado em S. Sebastião e aquella senhora era a Mãe; «antes não fosse...»

Antes não fosse?! Uma desintelligencia domestica... entre outros, encurta o estirão do Rocio á Pampilhosa. Resolvi indagar. E sem maior esforço da minha parte o sorriso inmutavelmente tôlo verteu no cantaro dos meus ouvidos um tremendo caudal de confidencias

—Ora... Ando de prêto por causa de uma filhinha que me morreu ha dois mezes. Imaginou que eu era viuva? Ora... Sou divorciada. Meu ex-marido deu-me cabo de quasi toda a fortuna...

—E a sua filha...

—Ora... Ella estava muito bem, não lhe faltava nada. Dormia num quarto ao pé do meu. Assim que eu me levantava, ella choramingava, para eu lhe pegar ao collo. Ora... Uma manhã não choramingou... Estranhei, e fui vel-a; estava a dormir muito socegadinha. Cobri-a melhor e fui-me arranjando. Mas quando o tempo passou sem ella acordar, voltei ao quarto d'ella e peguei-lhe. Estava teza como um carapau, e fria de neve. Não sei como não desmaiei. Levantei-lhe a roupinha e vi que o corpo estava cheio de manchas roxas, a um lado. Gritei então pela minha Mãe e mostrei-lhe aquella desgraça. Ella olhou para a neta, e sem uma lagrima, disse:—«Eu sempre te avisei»...—Era certo! Quando a minha filha estava bem a minha Mãe andava-me sempre a bozinar os ouvidos:—«a pequena morre, a pequena morre»—Eu, quando a vi morta, tive cá uma desconfiança e fui chamar o medico; mas elle disse que se ella já estava morta que fosse eu ao delegado de saude; fui; e elle disse que se estava morta era escusado ir vel-a; passou-me o atestado para o enterro, sem ver. Eu encommendei um funeral como era dado; gastei dois contos de réis, basta dizer-se. E mandei avizar o Pae, é claro. Elle e a minha Mãe moeram-me a paciencia. «E porque era um despezão, e porque nem que fosse uma Rainha». Eu sei lá. Ora...

O Pae correu com os padres quando já estavam á porta. E quando elle viu o carrinho doirado, com as quatro columnas, disse-me que eu era uma doida, que quatro creanças faziam o mesmo serviço, e mais barato. Eu já nem me ralava de nada. Ora... Mas elles andavam á roda de mim, a sarrazinar. E até fizeram escarneo de uma grinaldasinha de flores de laranjeira que eu mandei comprar para pôr á roda da cara da pequenita. Eu então disse ao Pae que o que era vergonha era elle não ter gasto nem um real com ella; elle embatocou e contáram-me depois que, ás escondidas, no cemiterio, meteu dez tostões no caixão da filha. Ora... veja lá! Se não é maluco!

A mãe era uma velha...

Esta historia macabra foi-me contada sem sobresaltos, como quem falla da crise das creadas. E cortava-se a narrativa com olhares alongados pelo corredor, onde se desentorpeciam conceituados cavalheiros, nos quaes a minha vizinha via impertinentes cortejadores, por mais que elles se furtassem a demorar a vista na sua fealdade bexigosa. E havia momentos em que ella roçava as espaduas no encosto, muito dengosa, muito sorridente, muito infeliz... Rematou:

—Tenho a certeza que a minha Mãe é que deu cabo da minha filha...

Balbuciei veladamente:

—Mas para quê?... Porquê?...

Teve a sua primeira expressão dolorosa; carrilou-se noutra via de transbordantes confidencias:

—Ora... Porquê... Ella não queria que eu tivesse filhos de meu marido... Ora. Bem sei porquê. Uma tarde, em Macáu,—o meu marido teve negocios em Macáu—cheguei por accaso a uma janela das trazeiras e vi a minha Mãe e elle sahirem dum casinhoto que havia no jardim. Ficáram passados. A mim deu-me uma coisa... Estive oito dias sem a deixar pôr pé lá em casa. Agóra finge-se muito contra elle. Ora... Mas eu bem a conhêço. Eu até nem como nada que ella me dê. Uma vez deu-me uma bebida que tinha um sabor esquisito. Só provei. Mas inflammou-se-me a bocca... Ora... Eu bem sei o que elles querem... Ella anda sempre a dizer dos pequenos (eu tenho dois filhos que estão com o Pae).—«Elles hão-de

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8

VARIA

Solução do problema n.º 49

	Brancas	Pretas
1	21-25	30-21
2	13-17	21-10-1
3	7-10	15-6
4	3 7	22-?
5	7-10	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 50

Pretas 4 p.

Brancas 1 D e 3 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Resolveram o problema n.º 48 os Srs. Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Carlos Gomes (Bemfica), José Brandão, Marco de Santelmo (Bemfica), Talu (Teatro Avenida), e Vicente Monteiro.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Elóy Nunes Cardozo.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 50

Por A. C. White (1919)

Pretas (9)

(Brancas (8)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

Tema Magee é o tema do Problema de hoje, cujo autor acaba de nos enviar o novo volume da sua serie do Natal; colecção de 150 problemas de George Hume á qual deu o nome de Changing fashions.

George Hume, de nacionalidade inglesa, é bem conhecido no mundo do xadrez. ecem.

Mestre do problema em dois lances mer lhe especial predilecção os problemas de perde ganha. Já noutro lugar me referi ao tema Hume.

A Alain C. White desejamos muito boas festas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 47

1 B 4 R

Numa das defesas a D preta toma C cheque. As Brancas voltam com o Bispo para a sua casa inicial e dão mate a descoberto. E' êste movimento do Bispo partindo da sua casa para depois voltar a ela que constitue o tema switchback.

Resolveram os srs. Vicente de Mendonça, Antonio Rocha e Sueiro da Silveira.

SECÇÃO A CARGO DE ***REI-FERA***

QUADRO DE HONRA

15 DECIFRAÇÕES (Todas)

LHÁLHA, BISTRONÇO, ROBUR, REI-VAX, ZELIA BORGES, TIO & SOBRINHO, PATO BIGAS, LIMITADA, ROCK, A. D. MEIRA E ERRECÉ

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 49

QUADRO DE DISTINÇÃO

Com 11 decifrações
HICCO-ZONHI—E. O. Q. B.
Com 10 decifrações
TROUPE CARCEI—D. GALENO
Com 9 decifrações
AVIEIRA
DECIFRADORES DO N.º 49

DEDICATORIAS

Decifraram as produções que lhe foram oferecidas:

ZELIA BORGES, REI-VAX, LHÁLHA, TIO & SOBRINHO

DURAS DE ROER . . .

A n.º 14, *Osa*, da autoria de «Rei do Orco».

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

1—Montaria 2—Prono 3—Montesino 4—Crasta 5—Encontroar 6—Parcamente 7—Festas felizes e um ano mui afortunado.

CHARADAS EM VERSO

(A todos os ilustres confrades)

(1) Uma *mulher* conhecemos—3
Por fruta muito gulosa,
Outra assim nunca mais vemos.
Era'ma coisa assombrosa!

A *mulher* que lh'a vendia,—4
Conhecendo-lhe o pensar,
Resolveu levar-lhe um dia
Belas pêras p'ro jantar.

Da qualidade gostou,
E de tal casta ela era
Que um vagon lh'encomendou
Da dita *casta de pera*

TROUPE CARCEI

(2) Com *maneiras* arrogantes,—2
Teimoso, mal educado,—2
Se apresenta este sujeito
Que diz ser *advogado*.

VASCO H. DIAS

(Ao conspicuo «Lhálha» com o preito da minha admiração pela sua «Beijado»).

(3) Sinto a alma afundar-se na tristeza,
Sinto o meu coração mortificado;
E' bem este um viver angustiado
De pecadora, a quem a culpa peza.

Pelo que sofro, creia, estou repeza
Da oferta, por ela ter causado
Um sofrimento *igual*, amargurado,—1
Ao desta infeliz de Natureza!

Lance bem para longe as minhas «tranças»...
E' loura a sua côr, não dá esp'ranças
Mas sim *pesar* e magua indefinida...—1

Esqueça a pobre oferta sem valor,
Procure ser *alegre*, ter fulgôr
Que só assim a vida é bem vivida.

ZELIA BORGES

(Ao conspicuo Rei Fera

(4) O dôce beijo de mãe
Ai d'aquele que o não tem!...
E' uma saudade infinda
Que jamais perde a fragancia
Relembrando a nossa infancia
Numa canção pura e linda.

E' um beijo que rescende
Quando a nossa alma se prende
N'um *garbo* de sentimento,—1

CHARADAS EM VERSO

Fazendo da nossa vida
Uma canção bem sentida
Onde queda o pensamento.

O beijo de mãe é graça
Sacrosa ta que esvoaça
No berço d'um inocente...
Inefavel melodia
Que a nossa alma acaricia
Olhando o Céu docemente.

Já pela velhice em fóra
Quando a idade nos minóra
Essa fresquidão vital,
Nós sentimos o dulçor
Desse afecto embalador
Que p'ra nós não tem igual.

Sonho *branco* como a neve—2
Que se sente e não se escreve
Que nos sorri e dá ventura,
O beijo de mãe é santo
Encobrindo no seu manto
O segredo da doçura!...

ORDISI

(Singela resposta agradecendo a «Asno» dos lisongeiros confrades Pato Bigas, Limitada*)*

(5) Não quero *ensejo* confrades—2
de agradecer dignidades
que não mereço, confesso.
Tine mui mal isso em mim...—1
Sejam amaveis, emfim,
mas sem cair no excesso.

Senhores, não é modestia—1
nem é mania ou molestia
nem sequer modos ingratos...
E' que a lisonja atrapalha
o vosso confrade «Lhálha»
que há muito gosta dos *Patos*...

LHALHA

CHARADAS EM FRASE

(6) O *valor* de *muita gente*, está na sua *seriedade*.—1—1.

Poato

ERRECÉ

(7) *Sejas* tu bôa, *mulher*, e dar-te-hão a *terra inculta*—1—3

TIO & SOBRINHO

(Ao confrade e amigo E. O. Q. B. *agradecendo a sua* Soodes)

(8) O *filho de Noé*, nunca em defesa da sua *causa*, utilisou a *injuria*.—1—2

(9) Então por uma *moeda* quere o *senhor* dar-me apenas um *pedaço de paul*—2—1

Coimbra

HICCO-ZONHI

(A Dropé muito grato pela sua Azoar)

(10) Não lhe parece, senhor Dropé, que todo o que se roja na *lama é um ser imundo?*—2—1

REI-VAX

(11) A *dissonancia* nesta *cidade* ouve-se no *fosso da fortaleza*.—2—2

D. GALENO

(12) O *geito* que ele tem fez com que *até* já arranjasse uma *profissão*.—1—1

PATO BIGAS, LIMITADA

(13) O *morgado*. *pae de sua mulher* era meu *bisavô*.—1—2

REI-MORA

(A Pato Bigas Limitada, *como resposta a uma charada que me enviaram e a cuja erradamente atribuem a decifração de* Coacto)

(14) *Emfim!*: — Já que assim o querem, lá vou dizer-lhes que ainda eu era menino de *berço* e já aproveitava, para fazer charadas, qualquer *intervalo*...—1—2

REI-FERA

ENIGMA

(15) Tem ao todo letras sete,
Consoantes e vogaes,
Destas uma se repete,
Diferentes as demais.

Quarta, segunda e primeira
Com a setima a fechar,
Animal dão de maneira
Qu' é bem facil d'encontrar.

A terceira mais a quinta
Sexta e segunda a seguir,
Eu garanto sem que minta
Qu' é *caminho* p'ra fugir.

Uma assassina

(*Continuação da pagina 7*)

morrer, olha que elles morrem . . .»—E morrem; qualquer dia morrem. Ella mesmo diz, regalada, que já lá estão todos aquelles para quem ella pediu a morte. E é verdade. O meu Pae... Ora. São muitos . . .

—Mas porque vive com ella?

—Eu não tenho ninguem . . . Ora . . . mas isto hade mudar. E ella a mim não me pode fazer mal. Já a conheço. Nem lhe deixei a chave da casa; ficou com a porteira. Ora... E ella encontra-se com elle; eu mesmo sei que elles que se encontram.

Um arrepio de infinita piedade fallou no coração por aquella mulher. Era destas creaturas que passam pela vida, conhecendo-lhe, de tão nóvas, as mais altas amarguras, que encáram a Desgraça como uma inevitavel companheira de jornada, e acabam por viver lado a lado com ella sem já saberem medir-lhe a gélida negrura.

Procurei divertil-a. Contei historias mirabolantes, fui prolixo, fui loquaz. E creio que tive graça, uma vez na vida; porque, de vez em quando, interrompendo um grosso riso em semi-breves, a pobre mulher olhava-me paradamente para declarar:—«O Senhor está-me a fazer rir, sabe?»

Pelas alturas de Coimbra cochichávamos troças descabelladas de todos os habitantes do compartimento. E quando o rápido galgou, com sonóros tropeções, as agulhas familiares da Pampilhosa, despedi-me quasi com saudade daquella pobre vida, que se me revelára folhetinesca demais para um folhetim. Nunca tinha visto esta mulher; creio que não a tornarei a ver; mas estou firmemente convencido de que não era doida.

Juro por tudo quanto ha que isto me aconteceu e ouvi, tal qual assim. E juro que o apavorante grotesco do chapellinho preto, da gollinha de renda, do atormentado carão bexigoso, me pezáram doridamente na alma até que surgiram, num espreguiçar da estrada,—como uma aguaréla acalmadora de Julio Diniz—o campanário agudo e as primeiras casas da minha aldeia.

Parada de Gonta—1925.

THOMAZ RIBEIRO COLAÇO

EN GMA

Não será grande a tormenta
Quanto ao todo, seus maganos;
Pois é curta vestimenta
Usada por africanos.

LHEVY

GRALHAS.—Por um lamentavel descuido foram omitidas, no *Figurado* publicado no n.º 50, as seguintes indicações:

Nas arvores ligadas por um nó, por debaixo e a preto, respectivamente: 1.ª 2 L, 2.ª 7 2

Pelo sucedido apresento aos meus ilustres confrades as minhas sinceras desculpas e em especial a *Bistronço*, meu particular amigo, a quem reservo as explicações necessarias para a primeira oportunidade.

CORREIO

D. GALENO.—Continue.

A. D. MEIRA.—Optimas. Saem no proximo numero.

REI-OBI.—Infelismente errou!...

ROCK.—Muito regular. Sairá a seu tempo. Sempre ao dispor do ilustre confrade.

TROUPE CARCEI.—Muito grato pelos vossos trabalhos. Espero a continuação.

ERRECE.—Estranhei tambem a falta da sua lista cuja só se póde atender, decerto, a um descuido da parte da pessoa encarregada do seu envio a que o colega se refere, por isso que a não recebi.

REI FERA

VARIA

De tudo um pouco...

Conceitos de Antero Faro

Quando danças entregas-te em prestações...
—¿ A tua vida?...—um drama em gargalhadas de cupro-nickel...
—O teu olhar só tem marcha-atraz.
—E's capaz de inspirar um toureiro, mas amachucas um poeta.
—Assim como do lôdo nascem flôres, dos teus defeitos nasceu o meu amôr.
—Para que teus beijos fossem deliciosos, terias de fazer uma cura d'aguas em Vidago ...
—Agora és vistosa, mas depois de casada quem dará nas vista será o teu marido.
—Não te convem um marido.... prefere antes um maridinho...
—O teu olhar é um «double-sous».

Tema infantil

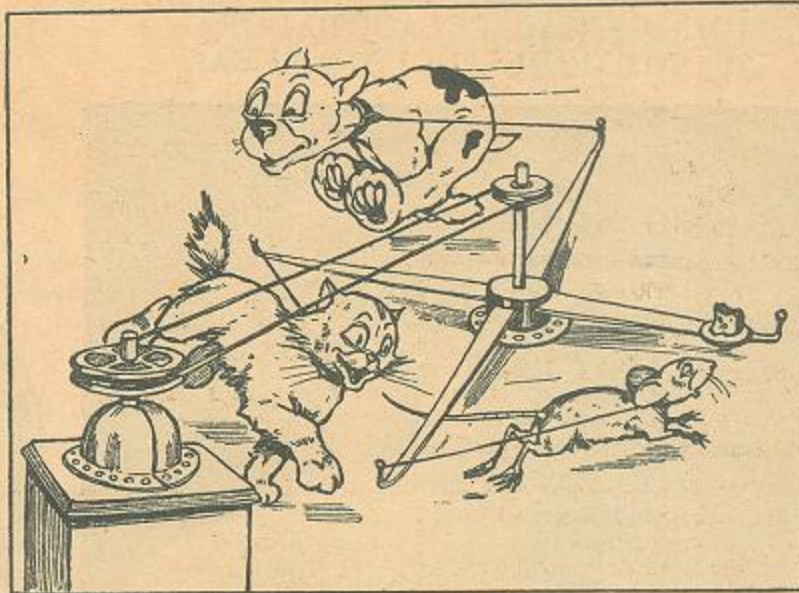
A Lili tem de fazer uma composição, descrevendo o elefante. Apura-se, e sae-se da incumbencia por esta forma:

«O elefante é um bicho muito grande, do feitio dum contador, com uma perna a cada canto, um rabo atraz e outro á frente».

Cortezias extranhas

Os habitantes de algumas ilhas Filipinas teem por grande cortezia levantarem o pé da pessoa a quem se quer cumprimentar, e tocar com ele duas ou tres vezes no rosto.

Em outras partes das ilhas Filipinas curvam o corpo, e com as mãos postas sobre as faces dobram a perna direita, levantando a ponta do pé para o ar. E' esta a maior cortezia que se póde usar.

As bôas ideias do O DOMINGO

MOTOR DE TRACÇÃO ANIMAL

Corre o rato que quere o queijo, corre o gato que quere o rato, corre o cão que quere o gato... E a cruzeta vae rodando, as roldanas vão-se mexendo e o café vae-se moendo...

De tudo um pouco...

Epitafio

Na abadia de Westminster, em Londres, encontra-se o seguinte epitafio sobre o jazigo de uma duqueza de Newcastle:

«Ela chama-se Margarida Lucas; irmã mais nova de lord Lucas de Colchester; familia nobre e ilustrada, porque todos os irmãos eram valentes e todas as irmãs virtuosas.»

Esta simplicidade diz tudo. N'aqueles tempos de cavalaria, todo o homem digno do nome de cavaleiro devia ser corajoso; o ponto de honra para a mulher era ser honesta.

Uma pedra prehistorica

A um dia de jornada do porto de Mersina, na Cilicia, no meio de uma planicie quasi completamente desarborisada e lavrada, que se extende até aos primeiros suportes do Tauro, ergue-se direita uma pedra de 9,6 metros de altura, 4,1 de largura e 1,5 de espessura, isto é, de um volume, na parte descoberta, de 59 metros cubicos, calculando que o seu material pesa duas vezes e meia mais do que a agua, e que necessariamente ela ha de ter uma parte da sua massa debaixo da terra, pode dizer-se, que pesará 150 toneladas metricas de 1:000 kilogramas. Está longe de todo e qualquer penhasco, e deve, portanto, ter sido arrastada muitos quilometros para ser colocada ali.

PALAVRAS CRUZADAS
o passatempo da moda

Horisontaes: — 1—Deliberadamente 2—Arvore da Asia 3—Escarneci 4—Nota de musica 5—Vogal 6—Tres consoantes 7—Termine 8—Não 9—Tres vogais eguais 10—Tres letras de «*Oceano*» 11—Troço da antiga cavalaria 12—Certo tom 13—Tres consoantes eguais 14—Trocista 15—Pantano 16—Exorbitaram 17—Fruto 18—Ave africana 19—Inimigas de revoluções 20—Duas vogais eguais 21—Andaram 22—Duas consoantes 23—Elemento 24—Interjeição 25—Junta 26—Numero cardinal 27—Anagrama de BECO 28—Qualidade de não fermentar.

Verticaes: — 1—Tinja 7—Rio de Italia 11—Raspas 16—Calquei 23—Aro 25—Tres vogais 27—Duas consoantes eguais 29—Poesia 30—Laço 31—Seis letras de *Legenda* 32—Caminhar 33—Cabo Delgado 34—Animal (fem.) 35—Ateimei 36—Aparelhos tipograficos 37—Nota de musica 38—Ladrão que rouba no mar 39—Senhor em Inglez 40—Termino 41—Cinco letras de *Repunhar* 42—Lamento 43—Instrumento 44—Perturbe 45—Planta do Brazil 46—Pronome demonstrativo 47—Estime 48—Tres letras de *Gamo* 49—Fluctuar 50—Tres letras de *Afan* 51—Perdi gordura 52—Tres letras de *Libra* 53—Anagrama de UL 54—Sobe 55—Quatro letras de *Atufa* 56—Utensilio 57—Anfibio 58—Estime 59—Elemento.

Solução do ultimo numero. Horisontaes: — 1—Rãs 2—Pré 3—Pulo 4—Sôa 5—Chá 6—Reta 7—Aula 8—Sina 9—Prôa 10—Jezu 11—Etego 12—Rez 13—Rei 14—Opaco 15—Eras 16—Peles 17—Molas 18—Fava 19—Fiel 20—Chamei-a 21—Olarias 22—Pata 23—Heroina 24—Ir 25—Apelára 26—Razo 27—Trota 28—Dá 29—Patas 30—Lira 31—Cá 32—Amam 33—Il 34—Oleo 35—Pá 36—Cale 37—Eco 38—Lá 39—Ela 40—Mimo 41—Reno 42—Ar 43—I. I. 44—Sá 45—Tara 46—Potros 47—Os 48—Horror 49—Onus 50—Erga 51—Apo 52—Sôa 53—Ri 54—U. S.

Verticaes: — 1—Rua 2—Precatara 5—Côa 9—Piar 10—Javali 13—Rol 16—Pá 17—Mó 19—Fer 20—Cá 24—Idilio 29—Pões 31—Carpo 34—Pirogas 40—Marrou 45—Tres 55—Alue 56—Solteiras 57—Reso 58—E. T. U. 59—Os 60—Ais 61—Há 62—Aereos 63—Arem 64—Galio 65—Os 66—Ele 67—Lei 68—Ela 69—Papel 70—Lá 71—Ara 72—Ralais 73—Rã 74—Ome 75—Tracos 76—Amor 77—Allah 78—Tea 79—Ao 80—Aleonar 81—Amára 82—Entupi 83—Orso.

NOTA: — O presente desenho é da autoria da nossa gentil decifradora, Ex.ma Sr. D. Ida Pereira e Silva. «Ida Pereira e Silva». Embora mesmo muito «velhinha» como diz ser—o que não acreditamos—teremos, creia, muito gosto em publicar a sua fotografia visto fazer tambem parte do premio que lhe coube, motivo porque, certos estamos, deixará de recusar o nosso pedido.

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

FOGO.—Caracter desigual e pouco meigo, um tanto original e atrahente, com inteligencia clara e assimilavel, boa e cultivada memoria, curiosidade insaciavel, optimismo, energia, pouca vaidade e amor a si prorio, bem entendido.

PICOINHAS.—Força de vontade, amor ao trabalho, ordem exagerada, habilidade manual, ciumento e desconfiado, de caracter suave e pouco amigo de discutir, amor aos livros e á dança, inteligencia assimilavel, sentimento de poesia.

«ALONSO BAETA».—Nervos gastos e mal dominados, imaginação, rajadas de pessimismo, generosidade que já foi pródiga e hoje é com medida, espirito religioso no fundo, curiosidade, ordem, boa administração, desconfiança e espirito analitico, caracter brando e bom, mas não muita meiguice.

BARMINTOS—C. Branco.—Força de vontade, caracter forte e empreendedor, apaixonado e ciumento, de paixões violentas, orgulho e vaidade de si proprio, ideias largas, amante das frases, generoso, umas vezes duro de coração outras sem razão justificada, inteligente, valente, e franco.

E'BORA.—Espirito vivo e sensivel, apaixonada e de caract r bondoso, muito religiosa, simples e nada vaidosa, finura de gestos, inteligente e justa, amor ás flores e ás creanças.

ESTRELA DE LISBOA.—Inteligencia pouco cultivada, bom coração, boa memoria, optimismo, feminina natural, nervos mal dominados, amor ás bonecas, generosidade impulsiva, espirito religioso sem exagero.

D. E.

AOS CONSULENTES

«Devido ao pouco espaço de que disponho, não me é possivel responder com a brevidade pedida, a todas as consultas. Tenham os srs. consulentes paciencia que o Domingo Ilustrado não póde comportar só a secção de grafologia...»

«Margarida Loroque».—Mais uma vez repito que não serve o papel pautado nem bilhetes postaes.

«Um abandonado».—Por distração não enviou o escudo da consulta.

«Natercia».—A sua analise já foi publicada no numero 39.

«Judeu Errante».—Idem no numero 37.

«Bepacuju».—Não ha razão para V. Ex.a fazer tão extranhas afirmações, tanto mais que desconhecendo o movimento interno do «Domingo», não pode ajuizar, bem como não tem direito para ofender pessoas que lhe são desconhecidas. A carta de V. Ex.a foi perdida, queira pois mandar outra para a analisar sem que com isso V. Ex.a tenha a pagar mais coisa alguma.

DAMA ERRANTE

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—*«A DAMA ERRANTE»*.

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

Actualidades gráficas

UMA GENIAL COLABORADORA DA 'NOITE' DE AUGUSTO ROSA

A NOSSA FESTA

Ester Leão, que se estreou ao lado de Augusto, admiravel actriz de primeira plana, cuja ascendente carreira é um triumfo pegado, e que fará, na peça «Punindo» um papel prestando-nos assim uma desinteressada e generosa colaboração.

Adelina Abranches, artista insigne que acaba de dar a sua completa adesão á nossa festa. Amavelmente cedida pelo seu actual emprezario Alves da Cunha, a actriz enorme irá nessa noite fazer uma reprise sensasionalissima: «O monologo do Vaqueiro», de Gil Vicente, ensaiado, como foi, por Augusto Rosa, nas festas Vicentinas de imorredoura memoria. A geração de hoje não conhece o que isso foi de gloria para o teatro portuguez. Orgulhamo-nos de proporcionar de novo ao publico esse espectaculo formidavel, e que se não repetirá jámais.

NA INTIMIDADE

Deliciosa fotografia de Amelia Rey Colaço, Robles Monteiro e sua gentilissima filhinha, no repouso de verão dos artistas. Os dois emprezarios do Politeama, dilectos e admiraveis discipulos do grande mestre Augusto Rosa, são interpretes da sua peça «Punindo».

A ACTUALIDADE SPORTIVA

EM SETUBAL

QUEM GANHA HOJE,

PORTO?

Julio Cardoso, excelente jogador e capitão do Fooot-Ball-Club do Porto

No desafio «Bemfica-Helsingborg I. F.». A entrega, pelo presidente do Club sueco do simbolo da «fraternidade sportiva» aos srs. Victor Serras, José Colmeira e Martins Pereira do «Sport Lisboa e Bemfica».

EM SETUBAL

QUEM GANHA HOJE,

VICTORIA?

Francisco Silva, belo elemento, e capitão do Victoria Foot-Ball Club, de Setubal.

O DOMINGO
ilustrado

The
DUNLOP
CORD

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$00 - SEMESTRE, 26$00
ESTRANGEIRO

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

Uma admiravel atitude do glorioso jogador Jorge Vieira!

No desafio Sporting-Helsingfors houve por momentos admiraveis fazes. A nossa gravura fixa um momento de grande esforço dos jogadores portuguezes, cuja "souplesse" assombra os seus adversarios suecos.